

A recepção televisiva por jovens rurais: Um estudo sobre as representações do campo e da cidade¹

Lírian Sifuentes²

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este estudo tem como objetivo central investigar as representações do campo e da cidade construídas pelo jovem camponês. Adota-se os estudos culturais latino-americanos como modelo teórico-metodológico deste trabalho. Entrevistou-se 10 jovens camponeses com idade entre 15 e 17 anos, residentes na zona rural de Santa Maria-RS e estudantes do Ensino Médio em uma escola na zona urbana da cidade. Identifica-se a negação da vida rural pelos jovens. Dois motivos podem ser apontados como principais: na televisão, há predomínio das temáticas urbanas, assim como temas rurais recebem um tratamento urbano, propondo representações positivas da cidade e negativas do campo; a discriminação por que passam na escola colabora para uma desistência do próprio modo de ser através do desligamento com a cultura camponesa.

Palavras-chave: Juventude rural; recepção televisiva; representações

Considerações iniciais

Esta pesquisa³ partiu do interesse em estudar as representações do campo e da cidade constituídas por jovens rurais, representações estas construídas a partir do mundo vivido e experimentado por eles e do mundo que é apresentado na televisão e, especialmente, na telenovela. A intenção é investigar o contraste entre a experiência pessoal, marcada pelo cotidiano rural, e a valorização social do urbano, presenciada na escola ou observada através da televisão. Aqui, cabe uma indagação inspirada em Feitosa (2007): Se vivemos em uma sociedade em que a mídia legitima normas e valores de cidadania, de que maneira os jovens rurais processam e negociam os modelos de juventude urbana estampado em programas televisivos? Responder a este questionamento é um dos esforços deste trabalho.

Este trabalho alinha-se às teorias desenvolvidas pelos estudos culturais, pois considera que a “pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito de consumo da cultura midiática” (ESCOSTEGUY e JACKS, 2005, p. 39). A vertente latino-americana dos estudos culturais é central, pois adequa as investigações iniciadas na Universidade de Birmingham à realidade da América Latina.

Uma justificativa para essa investigação, que relaciona juventude rural e recepção da telenovela, refere-se ao fecundo campo de estudos que abordam as relações entre juventude e televisão. Guillermo Orozco ressalta a importância do estudo do intercâmbio entre *televisão*,

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista do Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Membro do grupo de pesquisa Mídia, Recepção e Consumo cultural, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Veneza Mayora Ronsini.



família e escola para a compreensão do papel da mídia na socialização do jovem. Às mediações família e escola dá-se destaque especial neste trabalho. Com isso em vista, o modelo das multimediações, desenvolvido por Orozco, serve como guia.

A partir da perspectiva adotada neste trabalho, a recepção da televisão não pode ser compreendida sem que se estude seu entorno, ou seja, as mediações. A preocupação em investigar o lugar ocupado pela família e pela escola nas apropriações televisivas dos jovens camponeses deve-se ao entendimento de que essas são as instituições que afetam mais profundamente a socialização e a formação dos sujeitos. Para Jacks,

Pertencer simultaneamente a várias instituições resulta em um referencial múltiplo e inter-relacionado, uma vez que cada instituição luta para impor sua produção de significados como a mais legítima. Nessa luta, algumas vezes, as instituições se reforçam e, em outras, se anulam ou entram em choque, ou ainda não competem entre si por terem objetivos diferentes (JACKS, 1999, p. 55).

A amostra qualitativa desta pesquisa é composta por 10 jovens com idade entre 15 e 17 anos, sendo seis meninas, e quatro, meninos. Todos residem no distrito de Arroio Grande, localizado na zona rural do município de Santa Maria-RS. Os entrevistados cursam o Ensino Médio na Escola de Educação Básica Professora Margarida Lopes, em Camobi, que se situa no perímetro urbano da cidade. Após o primeiro contato e a seleção dos entrevistados, foram realizadas entrevistas estruturadas para um conhecimento aprofundado sobre família, escola, amigos, valores, consumo de mídia e apropriações que os jovens fazem da televisão, e mais, especificamente, da telenovela. Posteriormente, entrevistas com cinco mães serviram para complementar aspectos importantes relatados pelos jovens. As entrevistas com as mães foram do tipo aberta.

Relações e contradições entre o campo e a cidade

Na história humana, campo e cidade passaram a significar idéias antagônicas. De um lado, o campo é associado à vida simples, tranqüila, harmoniosa e inocente. À cidade, por sua vez, foram atribuídos valores referentes ao saber, à comunicação e à luz. Ambos, porém, também possuem características negativas associadas a eles. A ignorância, a limitação e a pobreza ligam-se ao campo, enquanto o barulho, os prazeres mundanos e a competição são atrelados à cidade (WILLIANS, 1989). Para Wirth, outros valores também estão vinculados à urbanidade. O estilo de vida urbano é observado na “substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social” (WIRTH apud RONSINI, 1993, p. 46).

Contrariamente, a valorização da vida em comunidade é associada ao campo. A família e a

³ Trabalho de campo realizado em 2007.

religião são mais expressivas para o homem rural. A comunidade formada na cidade é de outra espécie, e o agrupamento de pessoas por intermédio da profissão é a forma de aproximação mais comum (BERNADELLI, 2006). Outra distinção importante, comumente feita entre os meios rural e urbano, diz respeito ao tempo.

O efêmero no urbano é algo constantemente sentido e presenciado, posto que as mudanças são visualizadas a todo instante. [...] Nesse tempo, o relógio é o condutor: controla a hora de dormir, de acordar, trabalhar, se alimentar e descansar. Tempo acelerado e curto.

Tempo lento no rural: mudanças atreladas a uma lógica territorial mais próxima da natureza e que se expressa de maneira pouco fugaz. [...] No rural, as relações cotidianas são construídas sobre um tempo mais ligado a uma lógica territorial que se consolida por meio da intensa relação com a natureza (BAGALI, 2006, p. 83-84).

Contudo, as diferenças entre campo e cidade têm se mostrado mais opacas a cada década. Dois processos levam a isso: o êxodo rural, que leva os camponeses a viverem a urbanidade no seio da cidade, e a urbanização do campo, que carrega traços urbanos para o cotidiano da vida rural. Dados apontam as proporções do êxodo: “No Rio Grande do Sul, de 1970 para 1990, a população urbana passou de 53% da população total para 75% em função das levas de migrantes rumo às cidades” (RONSINI, 2000, p. 75). Hoje, no Brasil, a população rural é de 32 milhões de pessoas, correspondendo a 18,7%, enquanto os 81,3% restantes residem nas cidades (SPANEVERELLO, 2003). Rosa, mãe de um dos entrevistados, destaca a falta de apoio governamental com a pequena propriedade rural hoje, o que seria motivo para a saída do campo.

O Governo em vez de ajudar o agricultor, ele só prejudica, a gente vê todos os exemplos que vêm lá de cima de Brasília até aqui Santa Maria, é uma vergonha. O agricultor é que sofre as conseqüências. Não sei como vai ser a agricultura no futuro, não dão incentivo nenhum. Eu imagino que a agricultura com o tempo vai acabar (Rosa – mãe Juliandro).

A dinâmica campo-cidade, exibida na televisão e presenciada no dia-a-dia – seja na escola, no contato com familiares que residem na cidade ou em passeios no centro urbano –, afeta a juventude rural de maneira especial. Carneiro verificou que a urbanização do campo “tem reduzido suas perspectivas de trabalho na agricultura ao mesmo tempo em que tem ampliado suas referências de padrão de vida com a introdução de novas necessidades e desejos decorrentes do estreitamento das fronteiras culturais entre o campo e a cidade” (CARNEIRO, 2005, p. 245).

Conforme Lefebvre (apud ENDLICH, 2006), a rápida assimilação da cultura urbana no meio rural é estimulada ativamente pela juventude, grupo etário que adere mais facilmente a novos valores. De acordo com dados apresentados por Camarano & Abramovay (apud SPANEVERELLO, 2003), nos anos 1970, o êxodo rural no Brasil atingia com mais intensidade pessoas entre 40 e 49 anos. Já na década de 1990, o núcleo de migrantes se encontrava entre pessoas de 15 a 29 anos.

Os jovens, a família e escola

Mais do que definir o camponês como aquele que trabalha com a terra, deve-se ter em mente as diversas peculiaridades de quem vive no meio rural e sobrevive da agricultura. Uma delas é a relação familiar, laço forte, preservado entre os camponeses. Conforme Abramovay et al, “não há atividade econômica onde as relações familiares tenham tanta importância como na agricultura” (ABRAMOVAY et al apud SPANEVELLO, 2003, p. 46). A participação das crianças nas tarefas domésticas e da lavoura inicia cedo. Desde pequenas, são inseridas no trabalho da família, ajudando os adultos no trato dos animais, na horta e nos afazeres domésticos. Inicia, portanto, na infância o processo de divisão social do trabalho (SPANEVELLO, 2003). Na agricultura familiar, as crianças “vão assumindo atribuições de maior importância e chegam à adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento” (ABRAMOVAY apud SPANEVELLO, 2003, p. 32). Contudo, é crescente o incentivo para que os filhos estudem, fazendo com que as obrigações com a lavoura diminuam:

Las funciones educativas de la familia campesina también han sufrido cambios básicos. Existe una mayor preocupación por el bienestar general de los hijos, y los niños pequeños que van a la escuela se encuentran menos cargados con las tareas de producción (GALESKI, 1977, p. 130).

Acerca do patriarcalismo, modelo predominante na comunidade rural, Castells afirma: “O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar” (CASTELLS, 2000, p. 169). Os relacionamentos interpessoais e, por consequência, as personalidades também são marcados pela dominação originada na cultura patriarcalista. No entanto, a família baseada no patriarcalismo vem se enfraquecendo e, mesmo no meio rural, as mulheres conquistam relativa liberdade e independência. Para Castells, a crise do patriarcalismo está fundamentada no enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade exercida pelo homem sobre toda a família. Embora uma cultura autoritária permaneça como característica própria do campo, o grau foi modificado. Mães e filhas passam a ter mais importância dentro da unidade familiar. Sobre algumas regras do casamento, por exemplo, Endlich fala no passado: “O casamento era indispensável e arranjado, inclusive com uma faixa de idade mais ou menos estabelecida como normal [entre 18 e 22 anos para os homens e entre 13 e 20 anos para as mulheres]. Os pais eram extremamente rígidos e intolerantes” (ENDLICH, 2006, p. 24).

Mesmo a mais tradicional das famílias camponesas tem sofrido algum impacto dos elementos da sociedade contemporânea. As tecnologias agrícolas, a presença da TV ou do rádio nos locais de socialização da família, a crescente importância da educação para os jovens e uma relativa valorização da mulher podem ser apontados como os fatores que mais afetam a vida familiar

camponesa. Se prestarmos atenção, veremos que esses não são valores diferentes dos que têm sido difundidos nas cidades. Os divórcios, a liberalização feminina e o destaque reservado à educação é um fenômeno generalizado no século XXI e vem se construindo há muito tempo. Contudo, como destaca Galeski, a diferença está no grau com que essas transformações afetam o campo e a cidade: “Las direcciones del cambio en las familias campesinas coinciden con las de la sciedad em general. La única diferencia reside en el grado en que han ocurrido estos cambios” (GALESKI, 1977, p. 127).

As famílias dos entrevistados parecem acompanhar algumas dessas transformações, como a valorização da educação, um espaço relativamente maior possibilitado às mulheres e a diminuição no número de filhos por casal. Por outro lado, nenhum dos jovens possui pais divorciados, o que se torna cada vez mais raro em um grupo de 10 adolescentes urbanos. O decréscimo nas taxas de natalidade nas famílias rurais tem acompanhado o fenômeno urbano. No grupo estudado, a média é de apenas dois filhos por família⁴ – dois entrevistados têm dois irmãos, dois são filhos únicos e os outros seis possuem um irmão. Segundo o relato das mães de alguns entrevistados, as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos tornaram necessária a diminuição no número de filhos. Pode-se afirmar que o maior acesso à informação, assim como ocorreu nas cidades, possibilitou o planejamento familiar. As mães afirmam que fazem uso de métodos contraceptivos para controlar o número de filhos: “Eu me cuido, tomo comprimido e tudo” (Roselaine – mãe Camila). Os motivos apontados pelas mães para terem decidido por ter poucos filhos relacionam-se à queda no poder aquisitivo e na maior preocupação com o bem-estar:

Na minha família nós somos em 12 irmãos. Só que não dá, né? Agora já viu, com um só a gente já vive bastante apertado pra dar as coisas pra ele, eu não consigo dar tudo que ele precisaria pra estudar... não tem condições, como eu vou ter mais filhos. E antes não se preocupavam muito, agora se preocupam muito com o bem-estar. Antigamente se tinha um monte de filho e se tinha o que comer tava bom, né? Mas agora não é só o que comer que conta né? Se a pessoa não tem estudo, não tem vez. Antigamente, quando a gente aprendia a ler e escrever, no nosso caso era só aprender a ler e escrever e tava bom, né? Chegava pra nós. Mas o que nós ganhamos? A lavoura pra trabalhar, só. Só serviço pesado. Então é por isso que a gente tenta ter menos filho e dá condições pra ele ter um futuro melhor eu acho, porque a gente só trabalha na vida (Rosa – mãe Juliandro).

Reflexo das mudanças e da rigidez em queda é a (relativa) liberdade proporcionada aos filhos. As mães dos entrevistados compararam a liberdade que seus filhos possuem com a que elas tinham quando eram adolescentes. As entrevistadas concluem que os jovens são muito mais livres do que elas foram. No entanto, salientam que existem diversas ressalvas.

⁴ No Brasil, a média é de 1,6 filho por domicílio (IBGE, 2000).

Ah, meu Deus, nem se compara, né? Porque agora eles vão por tudo, têm todos os conforto pra sair, e a gente não tinha isso, e os pais não deixavam, era mais reservado, mas agora... Acho que ele tem toda a liberdade, e acho que tem que ter porque o que a gente vê na televisão é que se a gente vai prender um filho em casa, o que será do futuro dele? Na cidade mesmo ele nunca foi de noite, nem com amigos. Ele sai aqui na redondeza, onde têm diversões no fim de semana, baile, futebol, alguma festa, alguma janta. Mas pra cidade, assim, ele nunca foi (Rosa – mãe Juliandro).

A liberdade deles é bem mais que a minha, totalmente. No meu tempo eu tinha que chegar e fazer um sermão um final de semana antes, uma missa... No caso delas não, da minha parte mesmo, é bem mais liberal... claro, dependendo também das companhias. Elas saem, mas é com os vizinhos, tudo gente de família. Se eu não posso ir com elas, a mãe doutra guria vai junto, algum conhecido vai junto de maior idade. A gente libera, mas dentro daquelas condições, não pode ultrapassar aquelas barreiras... (Luciane – mãe Ketelin).

A presença de ex-camponeses residindo ou apenas estudando na cidade expõe este grupo à discriminação, comumente sofrida pelos “colonos”. Ronsini verificou o preconceito existente entre os jovens urbanos para com os colegas rurais, e destacou o caráter pejorativo do termo “colono”.

Freqüentemente, a escola é um lugar de confronto ente os jovens de origem rural e os jovens que nasceram na cidade. Existe uma certa animosidade entre os colegas de classe que é fruto de uma distinção de valores, do modo de vestir e de ser, falar e se comportar. A expressão “colono” tem no sul uma denotação de grossura, de falta de educação (Ronsini, 2000, p. 79).

Questionados se há alguma diferenciação entre os colegas da cidade e os que vivem “para fora”, a maioria dos entrevistados respondeu que sim. A partir de suas respostas é possível inferir que os adolescentes do meio rural se sentem discriminados por causa do lugar onde vivem.

Eles ficam meio que se achando... que eles moram aqui e nós lá, pra fora, tipo uns colonos, de vez em quando falam (Camila).

Tem [discriminação]. Com certeza. Quem mora na cidade acha que porque mora na cidade é ‘o tal’, alguns e algumas. ‘Ai, porque tu mora pra fora’... sempre tem aquela discriminação, acho que sempre vai ter, acho que até pelo contexto familiar que foram criados. A gente não mora porque quer, a gente não escolheu nascer lá. Acho que tem uma boa discriminação, com certeza (Luciele).

A discriminação, porém, parece não intimidar os jovens rurais a prosseguirem os estudos na cidade. Isso não significa dizer que o preconceito sofrido pelos camponeses não tenha impacto sobre eles, pelo contrário. A discriminação colabora para que ocorra, de certa forma, uma desistência do próprio modo de ser através do desligamento com a cultura camponesa. Em parte, os jovens camponeses reconhecem e assumem a identidade atribuída a eles, mesmo que esta não seja a mais real. Moura explica:

As categorias utilizadas pelos próprios camponeses para se autodefinirem indicam, não raro, a aceitação de uma visão depreciativa acerca de seu modo de vida. Consciente de sua condição subalterna, o camponês se vê como o pobre e o fraco, reservando o antônimo destas categorias para os proprietários de grandes extensões de terra (MOURA, 1988, p. 16).

Estimulados a tentarem a vida na cidade, hoje os jovens se dedicam mais aos estudos do que a geração de seus pais, e acreditam que a educação formal poderá livrá-los do trabalho pesado. “É possível dizer, portanto, que a associação entre estudo e emprego é também generalizada no meio rural, sendo o estudo encarado como a condição para, no falar de um jovem, "ser alguém na vida", o que significa fundamentalmente, não ser agricultor” (CARNEIRO, 2005, p. 249). É expressivo hoje o incentivo dos pais agricultores para que seus filhos mudem-se para a cidade ou, ao menos, para que não continuem o trabalho na agricultura. Predomina entre as mães o pensamento de que a vida mais fácil da cidade livrará seus filhos do sofrimento ocasionado pelo dia-a-dia árduo do trabalho na lavoura e da dependência contínua da natureza.

Eu não quero que ele tenha o mesmo destino que eu tive e o pai dele, só trabalhar... Não tem quem sofre mais que colono, porque o empregado sofre, mas chega no fim do mês é certo que o salário dele vem. Mas como nós colonos dependemos do que vem de cima, né? A gente sofre... e sem condições de mudar. Eu só não quero que ele se mate na lavoura como a gente se mata... com veneno... E como eu não quero que ele passe por isso, eu quero que ele estude pra ter uma profissão melhor (Rosa – mãe Juliandro).

Eu gostaria de ter estudado e não tive chance de estudar, então é um arrependimento que eu tenho, se eu tivesse estudado eu não taria talvez passando trabalho aqui ou talvez eu ganhasse um pouco mais. E é o que eu passo pra elas, que eu não tive essa chance e eu tô dando pra elas, pra aproveitarem e seguir uma carreira de fundamento, pra se manterem futuramente, construir a família delas. Elas não pretendem seguir aqui na agricultura, querem seguir uma carreira, se formar, ser alguma coisa na vida (Luciane – mãe Ketelin).

Além do reconhecimento generalizado de que a escola possibilita um futuro melhor aos jovens, largamente difundido pela TV – inclusive através de exemplos de personagens de novela que “cresceram na vida” por meio da educação –, algumas facilidades permitem que os camponeses permaneçam mais tempo na escola hoje. O transporte é uma delas. A melhoria no deslocamento até a cidade impulsiona a presença dos jovens nos bancos escolares (SPANEVERELLO, 2003). É importante destacar que, atualmente, os jovens possuem um grau de escolaridade em média 50% maior que o de seus pais (VELA apud SPANEVERELLO, 2003).

O papel da televisão

O processo de recepção das mensagens televisivas é complexo e vai muito além do que é apresentado na tela. O sentido dado àquilo que se assiste não se restringe ao que os produtores visam. No momento em que os jovens se apropriam dos conteúdos da mídia, a maneira como interpretam e usam a mensagem abrange uma bagagem cultural formada por suas diversas relações sociais. Entre os entrevistados, essas relações incluem, principalmente, as já referidas mediações *família e escola*.

Em parte por causa da necessária dedicação ao trabalho, os jovens rurais possuem uma vida

social pouco ativa. Via de regra, o lazer e a diversão reduzem-se a encontros com amigos e familiares próximos, a jogos de futebol nos finais de semana ou a alguns bailes na comunidade, onde costumam ir acompanhados de toda família. Mesmo para jovens que residem próximos a centros urbanos, como é o caso dos adolescentes que vivem nos distritos de Santa Maria, a cidade como lazer é exceção. Dessa forma, o dia-a-dia dos jovens rurais que estudam costuma ser assim constituído: acordam cedo para ir à escola (entre 5h e 6h se estudam na cidade), passam a manhã na escola, realizam atividades em casa ou na lavoura à tarde e à noite fazem tarefas da escola e assistem televisão. A essa rotina, Durston soma outra realidade ainda mais exigente: o jovem camponês, frequentemente, precisa trabalhar para sobreviver e, às vezes, ao alcançar 15 ou 20 anos, casa-se e assume o papel de chefe de família, e, talvez, já tenha filhos. A partir desse retrato considera “legítimo supor que sua juventude terminou antes de começar”, cabendo a pergunta “existe juventude rural na América Latina?” (DURSTON apud CARNEIRO, 2005, p. 244).

Não possuindo muitas opções de entretenimento, o descanso dos jovens após as atividades de casa, da lavoura e da escola é ocupado pela televisão. Para Maria de Fátima Elias, os adolescentes do meio rural, “ao chegarem da escola, almoçam e vão cumprir suas obrigações, as quais terminam ao final da tarde. Aí é banho, janta e televisão” (ELIAS apud BUDAG, 2007, p. 69). Os entrevistados e suas mães ratificaram que em Três Barras e Arroio Grande são poucas as opções para os jovens se divertirem. Além da falta de outras opções, a TV também se torna a melhor alternativa porque, após acordarem cedo e terem ocupação o dia todo, os jovens chegam ao fim do dia cansados. A leitura de livros, de revistas ou jornais não faz parte do dia-a-dia deles, pois todos demonstram que não lêem ou lêem pouco. A internet ainda é exceção, visto que apenas dois possuem acesso à web em casa e, mesmo esses, usam-na pouco e não têm e-mail. Confirmam, portanto, La Pastina, que observa que para muitos telespectadores a televisão “é a principal, se não a única, fonte de informação” (LA PASTINA, 2006, p. 35).

Autores de áreas diversas vinculam as mudanças verificadas no meio rural à inserção dos meios de comunicação de massa nas comunidades: “Os efeitos da mídia urbana atingiram em poucas décadas aqueles valores longamente estabelecidos nas comunidades do meio rural, substituídos por valores bastante diferentes” (ENDLICH, 2006, p. 24). Pensamento semelhante é expresso por Bagali:

Outrora, as mercadorias chegavam de forma bem mais lenta aos espaços rurais. Contudo, com a difusão dos meios de comunicação e o estreitamento das relações entre campo e cidade, o mundo da mercadoria invadiu os espaços rurais. [...] Pessoas de realidade próximas ou distantes têm a possibilidade de assistir à mesma programação na televisão ou conversar pelo telefone ou pela internet, graças ao desenvolvimento tecnológico (BAGALI, 2006, p. 94).

Para Ronsini, o papel socializador da TV entre os camponeses merece destaque, pois antecipa a experiência urbana que os migrantes encontram ao se mudarem para a cidade.

Desde el medio rural el papel de la televisión fue importante para el proceso migratorio, pues socializó anticipadamente a las familias: les enseñó cómo actuar en público, esto es, cómo hablar y como tratar a las personas, además de ofrecerles un sentido de orientación en el medio urbano al describir la ciudad y sus instituciones. Sintéticamente, la televisión les ofrece la promesa de realización material y de transformación de un modo de ser “rural” en “urbano” que ellos se esfuerzan por alcanzar en la vida diaria (RONSINI, 2000b, p. 107).

A exposição dos jovens camponeses aos meios de comunicação de massa apresenta fatores ambíguos. Durston (apud SPANEVELLO, 2003) crê que através da televisão e do rádio, os meios de comunicação mais populares no meio rural, os jovens ficam em contato com informações diversas, privilegiando a socialização. O autor atesta que as mensagens possuem “princípios como a democracia, direitos humanos e justiça social, relevando o papel das mulheres mais ativo e mais livre, o que interrompe quase todas as culturas tradicionais, mas interrompe em um sentido fundamentalmente positivo” (DURSTON apud SPANEVELLO, 2003, p. 38). Por outro lado, há na programação televisiva um caráter fortemente urbano (RONSINI, 1993), que se delineia não apenas pelo predomínio das temáticas ligadas à vida na cidade, mas também pelo tratamento urbano que é dado a temas rurais. A TV transmite valores e um modelo de vida que, segundo Carneiro, atrai e confunde os jovens camponeses:

[...] os "jovens rurais" estariam vivendo uma ambigüidade de valores que se traduz em manter um vínculo afetivo com o modo de vida local (identificado à família), ao mesmo tempo em que vêem a sua auto-imagem refletida no espelho da cultura "urbana", "moderna" que lhes aparece como referência para a elaboração de um projeto para o futuro (CARNEIRO, 2005, p. 260).

A telenovela é o programa preferido entre os jovens entrevistados. Oito, entre os dez, afirmam que preferem assistir novelas, enquanto dois preferem os noticiários, especialmente os esportivos. Em média, os adolescentes assistem televisão durante três horas diárias, principalmente à noite. A Rede Globo é o canal de televisão preferido de todos os jovens. Record, SBT e Band também foram citadas, mas sempre de forma secundária. Os programas prediletos também são da Globo. *Malhação*⁵ é o preferido, sendo quase unanimidade, apenas um entrevistado não assiste, pois neste horário está ajudando na lavoura. Noticiários e a novela *Sete Pecados* foram os segundos mais citados. Os jovens se mostraram telespectadores assíduos das telenovelas que estavam no ar nos meses em que as entrevistas foram realizadas (segundo semestre de 2007).

⁵ Malhação é exibida desde 1995. A produção pode ser classificada como uma *soap opera*, visto que, assim como na ficção americana, é transmitida há anos. No entanto, Malhação contém importantes características das telenovelas brasileiras, pois se volta para o cotidiano dos jovens, adentrando em temáticas como drogas, AIDS e violência.



O que mais chama a atenção dos entrevistados em seu programa preferido, a *Malhação*, é a linguagem e os temas juvenis expostos na telenovela, o que favorece o reconhecimento dos adolescentes com o que é apresentado na ficção. Para alguns, o programa possui uma utilidade social.

Mostra como é a vida dos jovens, fala sobre preconceito, fala tudo. [...] quando algumas pessoas têm preconceito, eles ajudam a não ter (Camila).

Eu gosto da Malhação, que é mais na linguagem do jovem. Trata de todos os assuntos que envolvem jovens, tudo. Eu acho legal isso: que tu vê, tu te entende na novela, tem coisas assim que não acontecem na nossa realidade, mas às vezes até os conteúdos são os mesmos que tratam (Juliana).

Fala de tudo, é uma forma de educação (Juliandro).

Apesar de assistirem TV junto com os filhos, os pais não costumam comentar sobre os programas que vêem. A maneira como a família intervem/não intervem na recepção da televisão é um dos determinantes para a apreensão que o jovem fará de suas mensagens. Pensando nisso, Orozco (1997) classificou as famílias em quatro tipos:

- a) Uma família que é muito permissiva com os assuntos da televisão;
- b) Uma família que limita o usufruto da televisão de algum modo, porém em termos quantitativos, limitando quantas horas e em que horário os filhos poderão ver TV;
- c) Uma família que intervem por meio do diálogo com os filhos sobre o que é mostrado na TV, mais ou menos orientando e fazendo esclarecimentos para que tenha uma apropriação adequada;
- d) E, por último, uma família totalmente proibitiva, que não permite que o filho veja televisão ou que limita que assista em horários determinados, como nos fins de semana.

Entre os entrevistados, conclui-se que as famílias são permissivas, pois permitem que os filhos assistam televisão sem fazer restrição de horas ou horários e não dialogam sobre os programas apresentados na TV. Segundo Orozco, o momento de formação que vive todo o jovem o torna mais vulnerável à televisão. Nesta idade, outorga-se um poder quase ilimitado à mídia, de forma a afetar o presente e o futuro dos mais novos. A vulnerabilidade dependerá da influência de outras instituições sobre os adolescentes: “el niño, como sujeto de información, como sujeto social, es socializado por estas tres instituciones [família, escola e TV] y estas tres instituciones tienen un peso distinto según diferentes tipos de niños” (OROZCO, 1997, p. 130).

Representações televisivas do campo e da cidade

O trabalho de “fazer as coisas significarem”, necessário para a compreensão daquilo que se recebe por meio dos produtos midiáticos, ocorre através das representações, que implicam no “trabalho ativo de selecionar e apresentar, de estruturar e dar forma: não simplesmente de transmitir

um significado já existente, mas o trabalho mais ativo de *fazer as coisas significarem*” (HALL apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 62). As representações são compreendidas como um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas.

Os entrevistados demonstraram dificuldade para recordar novelas que tenham abordado o tema “campo”. A telenovela *O Rei do Gado* é a lembrança mais comum, sendo citada por seis entrevistados. *América* também recebeu destaque, sendo mencionada por três jovens. É comum os entrevistados referirem-se às telenovelas rurais como pouco realistas, considerando que os locais mostrados não têm relação com a comunidade onde vivem.

Nas novelas mostram fazendas, mas fazendas, não mostram o meio rural com poucas coisas, com casa com menos coisas. E lá eles mostram fazendas grandes, mostram que tem uma casa boa (Ketelin).

Acho que nada retrata com realismo, só quem vive sabe como é e o que acontece realmente. Tudo tem enfeite, nada é realista em programas de TV que mostram, é muito difícil ter alguma coisa que mostre realmente o que acontece. Geralmente eles fantasiam (Luciele).

As representações que os entrevistados têm dos jovens urbanos forma-se, especialmente, de duas formas: a partir da observação de seus colegas de aula que residem na cidade e que, segundo eles, não levam a escola muito a sério; e através do que assistem na televisão, especialmente em programas como *Malhação*, que apresenta um estudante desleixado e mais interessado em namoro, festas e amigos do que nos estudos. Os alunos da escola de *Malhação* não parecem se preocupar com o futuro, e sim em aproveitar o presente. Assim como se percebe nas falas dos jovens entrevistados, em seu estudo com mulheres de Três Barras, Ronsini (1993) salientou que os camponeses conferem grande importância ao trabalho, um valor que significa dignidade e moral. Neste sentido, as pessoas da cidade são vistas como inferiores porque não trabalham e não se esforçam como os camponeses.

Sobre as representações televisivas que os entrevistados têm do meio urbano, eles destacam a agitação e a violência da cidade como o que mais chama a atenção deles nas novelas urbanas consideradas realistas. No geral, no entanto, eles consideram as tramas repletas de imagens idealizadas:

É sempre a parte bonita na novela, poucas novelas que mostram favelas, assaltos, é pouco isso, é mais a parte bonitinha, limpinha (Juliana).

Para os jovens camponeses, as principais diferenças entre o campo e a cidade apresentadas nas telenovelas são as mesmas da vida real: o campo é calmo, o ar é puro, ao contrário da cidade, em que a vida é agitada e há muito poluição. As novelas também mostram o meio rural como pobre, enquanto a cidade é rica e as pessoas, sofisticadas. Entretanto, existe uma insatisfação com a representação do camponês na ficção. Segundo os entrevistados, nas novelas as distinções são



acentuadas, de maneira a formar uma caricatura de quem vive no campo, com exageros no modo de falar e vestir.

Eles acham que pra fora a gente não sabe de tudo isso. De vez em quando chamam até de burro, que é isso e aquilo, [...] mas no campo tem a mesma comunicação que na cidade, as notícias correm. Eles olham o noticiário, eles sabem de tudo. Se tu perguntar pra eles acho que eles certas vezes dão até um rolé em quem tá aqui. [...] e pra tá no campo tem que saber alguma coisa, mesmo não tendo ensino. O meu pai mesmo tava dizendo ontem que tem que ser muito inteligente pra ir trabalhar na lavoura, porque tu pode estudar e tu vai pra lavoura, se não souber nada da lavoura, tu se perde (Ketelin).

Os adolescentes apontam que a cidade é retratada de forma mais positiva nas telenovelas, sendo, muitas vezes, idealizada, enquanto o campo é diminuído. A maioria dos entrevistados não se sente representado nas novelas com temas rurais, devido à falta de realismo. Embora as telenovelas urbanas também não representem os jovens camponeses, pois, como afirma Luciele, “não é mesmo o mundo onde eu vivo”, os adolescentes dizem que se identificam mais com os personagens urbanos, em especial os de *Malhação*, do que com os personagens rurais.

Malhação mostra bem o jeito do jovem, quando mostra uma pessoa da minha idade, mostra bem o jovem, o que ela faz, os amigos que ela tem [...], o jeito que ela fala (Ketelin).

Considerações finais

No meio rural, as imagens midiáticas podem ter ainda mais poder, uma vez que, muitas vezes, são o único contato que os camponeses têm com experiências vividas pelos habitantes das cidades e com outras realidades diferentes das suas. Os sentidos que atribuem a acontecimentos e pessoas ficam ainda mais restritos ao que a mídia mostra. Assim, constroem representações de mundos distantes, diferentes do seu: “[...] os *media* são responsáveis por prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 63).

A propósito do mundo conhecido pelos jovens camponeses, os entrevistados avaliam que o meio rural não costuma ser retratado nas telenovelas. A maioria das novelas citadas pelos adolescentes já foi ao ar há três anos ou mais, como *América* e *Cabocla*, sendo que a última teve uma primeira versão exibida na década de 1970. A mais popular novela rural, *O Rei do Gado*, foi ao ar na década passada, quando eles sequer haviam completado 10 anos. Os índices de audiência, contudo, demonstram uma aceitação das novelas rurais por parte do público, com destaque para *Renascer* e *O Rei do Gado*, que obtiveram os índices mais elevados de audiência da década de 1990 (HAMBURGER, 2005). Quando as telenovelas se ambientam no meio rural, segundo a maior parte dos entrevistados, carecem de verossimilhança. Três características se destacam como os motivos pelos quais os jovens não consideram realistas as telenovelas que se passam no campo:



a) As telenovelas rurais têm como cenários grandes fazendas, com plantações e criações de animais bem sucedidas, como em *O Rei do Gado*, o que não é compatível com as propriedades de Três Barras e Arroio Grande;

b) Muitas telenovelas que mostram camponeses são de época, o que distancia e torna mais difícil o reconhecimento por parte dos jovens. Além dos locais e dos hábitos, os pensamentos também são diferentes da realidade dos entrevistados. A apresentação de garotas que vivem no meio rural como meninas sonhadoras que ambicionam um casamento não condiz com o que pensam as entrevistadas. Ao falarem sobre seus sonhos, as jovens deixam claro que suas maiores ambições referem-se à carreira, e pouco fazem referência a casamento e filhos;

c) Nas tramas ficcionais, as pessoas do campo são apresentadas como ignorantes e ingênuas.

A tradicional imagem do camponês quase analfabeto, esperando um momento para casar e tornando-se pai muito cedo pouco representa a realidade do jovem atual. Alguns entrevistados deixam clara sua insatisfação com a representação que as pessoas fazem dos camponeses. No entanto, de modo geral, os jovens concordam com a imagem que a televisão passa, uma vez que consideram que as principais diferenças entre as pessoas do campo e da cidade coincidem na telenovela e na realidade: no campo, as pessoas são humildes, calmas, ingênuas e tímidas, enquanto na cidade são arrogantes, egoístas, espertas e extrovertidas.

Entre o atraso do meio rural e a modernidade das cidades, representações apresentadas nas telenovelas, os jovens preferem se encaixar na segunda. As tramas rurais não os representam. Igualmente, a vida urbana apresentada nas telenovelas também está distante de suas realidades. Todavia, *Malhação* é a exceção. Embora a *soap opera* privilegie o moderno e exiba personagens urbanas de classe média e média alta, os adolescentes identificam-se com a temática juvenil e com o ambiente escolar. Cabe aqui questionar se o que os entrevistados vêem em *Malhação* é de fato uma representação da sua juventude ou o desejo de ser jovem. Tudo indica que a realidade desses jovens pouco tem a ver com a dos estudantes de *Malhação*, os quais falam e vestem-se de maneira diferente, possuem mais liberdade, mais formas de diversão e um dia-a-dia recheado de prazeres e com pouca ou nenhuma obrigação. Portanto, sobre a forma como os jovens camponeses lidam com o modelo de juventude urbana apresentada na TV, existem duas opções expressas por Woodward:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais e levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2000, p. 21).

Entre os jovens entrevistados, pode-se considerar que não se nega e tampouco se expressa uma resistência ao modelo de juventude urbana apresentado na televisão. Eles buscam, de alguma forma, inserir-se no modelo. Na escola, gostam de confundir-se com os amigos urbanos e sentem-se



satisfeitos ao dizerem que os colegas não sabem que eles são camponeses. Para Hall, “as identidades não são relacionadas tanto com o ‘retorno às raízes’”, que, para os jovens rurais tornaria preponderante a identidade camponesa, “mas sim com uma negociação com nossa ‘rotas’” (HALL, 2000, p. 109), que constrói continuamente a identidade desses jovens, relacionando as vivências rurais e urbanas.

Referências Bibliográficas

BAGALI, P. Rural e urbano: harmonia e conflito. In: SPOSITO, M. et al (Org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, p. 81-110, 2006.

BERNADELLI, M. H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. et al (Org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, p.33-52, 2006.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W. et al (Org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 243-262, 2005.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. et al (Org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 11-32, 2006.

ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografia dos Estudos Culturais**. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEITOSA, S. A. **Televisão e Juventude sem terra: Mediações e modos de subjetivação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

GALESKI, B. **Sociologia del Campesinato**. Barcelona: Península, 1977.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 103-133, 2000.

HAMBURGER, E. **O Brasil Antenado**. A sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da população 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 nov. 2007.



JACKS, N. **Querência: Cultura Regional como Mediação Simbólica – um estudo de recepção.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

LA PASTINA, A. C. Etnografia de audiência. Uma estratégia de envolvimento. In JACKS, N. et al. **O que sabemos sobre as audiências.** Porto Alegre: ALAIC GT- Estudios de Recepción/ Ed.Armazém Digital, p.27-43, 2006.

MOURA, M. M. **Camponeses.** São Paulo: Ática, 1988.

OROZCO GÓMEZ, G.. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.** La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 1997.

RONSINI, V. M. **Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1993.

_____. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos.** Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2000.

_____. Televisión y identidad cultural. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 59-60, p. 102-112, 2000b.

SPANLEVELLO, R. M. **Jovens Rurais do município de Nova Palma – RS: Situação atual e perspectivas.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade: na História e na Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.